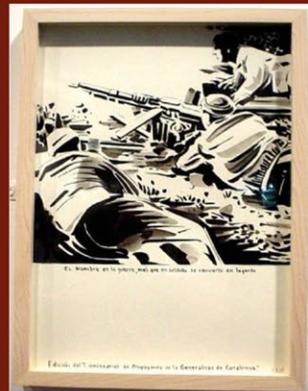
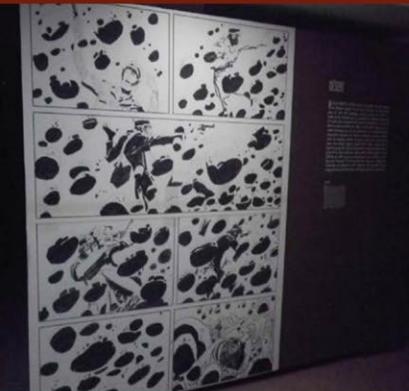
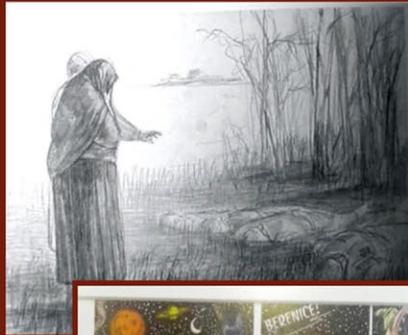


Gazy Andraus

O ESTATUTO DAS BELAS-ARTES NOS QUADRINHOS



Gazy Andraus

O ESTATUTO DAS BELAS-ARTES NOS QUADRINHOS



Marca de Fantasia
Paraíba, 2019

O estatuto das Belas-Artes nos quadrinhos

Gazy Andraus
Série Quiosque, 57
2019



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadefantasia@gmail.com
www.marcadefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Editor/Designer: Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB;
Alberto Pessoa - UFPB; Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP;
Gazy Andraus, Pós-doutoramento na FAV-UFG; Heraldo Aparecido Silva - UFPI;
José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN; Marcos Nicolau - UFPB;
Marina Magalhães - Universidade Losófona do Porto; Nílton Milanez - UESB;
Paulo Ramos - UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Capa: HM sobre fotos do autor

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-5053-015-0

Para me distrair um pouco, discretamente tomo emprestada do meu irmãozinho uma revista em quadrinhos de terror. Mais tarde, visito um amigo intelectual que possui magnífica biblioteca, e nela encontro uma suntuosa edição italiana consagrada a Stan Lee, reproduzindo a mesma história em quadrinhos que eu havia lido há pouco num gibizinho barato. Meu amigo me ensina que Stan Lee é um grande artista e, por sinal, a introdução, elaborada por um professor da Universidade de Milão, confirma seus dizeres. Eu nem imaginava que uma história em quadrinhos pudesse ter autor, quanto mais que esse autor pudesse ser chamado artista e sua produção, obra de arte.

COLI, 1995, p. 9

Sumário

6. Prefácio
9. Apresentação
- 12 I - As Histórias em Quadrinhos (HQs) como arte e sua influência de linguagem em obras artísticas: O caso da 26^a Bienal de Artes de São Paulo
29. II - Le Voyage imaginaire d’Hugo Pratt na Pinacothèque de Paris: o status dos Quadrinhos como arte e autoralidade
45. III - Expo Transmuriliana – homenagem aos 10 anos do Museu de Arte de Murilo Mendes (MAMM) com transposições às HQs de suas poesias: reflexão e função de resgate educativo na Literatura e Quadrinhos
61. Referências



Prefácio

Conheço Gazy Andraus há um bom tempo. Já não tenho mais certeza de quando o conheci. Tive o privilégio de acompanhá-lo em seu doutorado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde desenvolveu uma tese bastante original sobre as histórias em quadrinhos, relacionando-as com o campo artístico, o ensino superior e os dois quadrantes do cérebro. Foi um trabalho bastante complexo e confesso que até hoje ainda tenho dúvidas se compreendi plenamente algumas de suas proposições. De todo modo, sua tese foi agraciada com o troféu HQMix, o mais importante galardão da 9ª Arte no país, o que demonstra que seu pensamento científico vai muito além do que pode sonhar a minha vã filosofia. Assim como ele, que considero provavelmente o mais dedicado e entusiasmado pesquisador de histórias em quadrinhos deste país.

Desta forma, devo dizer que foi com grande satisfação que recebi e aceitei o convite para prefaciar este livro, que reúne três textos reflexivos de Gazy sobre sua grande preocupação no que se refere às histórias em quadrinhos: seu estatuto artístico. É um tema que ele vem perseguindo incessantemente e pelo qual ainda absolutamente não se cansou de batalhar. Procura desenvolvê-lo em sua própria atividade como produtor quadrinístico, em obras que enveredam pela poética visual, pelo lirismo e pela subjetividade artística. Defende-o em suas atividades docentes, levando a alunos e colegas professores sua con-

vicção de que os quadrinhos merecem estar entre as outras Artes já consagradas, sendo expostos em museus, discutidos em academias artísticas e em liceus, bem como disponibilizados ao público em exposições pessoais e coletivas. Propõe-se, inclusive, tal um Quixote pós-moderno, a combater aqueles que não aceitam essa classificação, insistindo, refazendo, burilando seus argumentos a favor de tão nobre causa. Sem cansar. Sem esmorecer. Sem desistir jamais.

É isto exatamente – este denodo! este arrebatamento! este fervor! – que vejo como a principal qualidade dos três textos que constituem este livro. Assim, mais que destacar os pontos desenvolvidos em cada um deles – a presença e influência dos quadrinhos nas obras da Bienal de Arte de São Paulo, a experiência artístico/sensorial de uma exposição sobre a produção do italiano Hugo Pratt, em Paris, e suas sensações em relação à transposição da obra do poeta Murilo Mendes para a linguagem dos quadrinhos –, ou a pertinência e profundidade de suas observações, prefiro salientar a importância do desenvolvimento de tais estudos, que colaboram para melhor equacionar o componente artístico das histórias em quadrinhos, possibilitando seu reconhecimento e sua valorização social. Continuam a ser extremamente necessários. Ainda que os últimos anos possam dar a impressão de que o avanço quanto à valorização intelectual e artística das histórias em quadrinhos foi grande – e certamente muito se avançou! –, não devemos ser ingênuos e acreditar que o assunto pode ser encerrado. Infelizmente, não pode. Que o digam os visitantes da Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2019, muitos deles ainda estarecidos ante à truculência da retirada de títulos de quadrinhos do evento, supostamente por serem considerados inadequados para determinados leitores.

Gazy, felizmente, sabe que ainda não chegou a hora de calar. E com seu verbo ferino, enfático, insistente, propositivo, que às vezes chega mesmo a ser repetitivo e até demasiadamente detalhado, não nos deixa esquecer desse fato. Espero que continue sempre assim. Pois precisamos de mais pesquisadores como ele. E de mais livros como este.

Prof. Dr. Waldomiro Vergueiro
Observatório de Histórias em Quadrinhos da
Escola de Comunicações e Artes da USP

Apresentação

Este livro reúne três artigos meus já aprovados e apresentados nas excelentes Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos realizadas na Escola de Comunicações e Artes da USP¹, perfazendo um todo coeso ao valorizarem as Histórias em Quadrinhos (HQs) como estatuto de arte. Embora na atualidade, e no Brasil, talvez a noção das HQs esteja mais exitosa de que em décadas passadas, ainda há muita noção errônea de que a Nona Arte é apenas dirigida ao público infantil e/ou juvenil, e de que ela não chegaria a ser “arte”.

Mas a noção do que vêm a ser as belas-artes já foi derrubada por Shusterman, assim como menciono no meu primeiro texto em que verifico elementos da linguagem quadrinhística em várias obras na 26^a Bienal de Artes de São Paulo. Como se não bastasse, uma exposição na Pinacoteca em Paris, na França, atesta com veemência a arte dos (e nos) quadrinhos autorais de Hugo Pratt. Por fim, uma homenagem ao poeta e escritor brasileiro Murilo Mendes, trazendo leituras de suas poesias transpostas em quadrinhos por diversos autores num museu dedicado a ele em Juiz de Fora, corrobora a particularidade dos quadrinhos e sua predisposição e versatilidade artísticas! Estes três artigos foram aprovados nas Jornadas Internacionais de Histó-

1. Os artigos apresentados são: “As histórias em quadrinhos (HQs) como arte e sua influência de linguagem em obras artísticas: o caso da 26^a Bienal de Artes de São Paulo”, nas 1^{as} Jornadas internacionais de Histórias em Quadrinhos em 2011; “Le voyage imaginaire d’Hugo Pratt na *Pinacothèque* de Paris – o *status* dos quadrinhos como arte e autorali-dade”, nas 2^{as} Jornadas em 2013 e “Expo Transmuriliana – homenagem aos 10 anos do Museu de Arte de Murilo Mendes (MAMM) com transposições às HQs de suas poesias: reflexão e função de resgate educativo na literatura e quadrinhos” nas 3^{as} Jornadas em 2015.

rias em Quadrinhos realizadas, então, bianualmente na USP (atualmente são anuais), o que me permitiu juntar os textos² de forma coesa para que formassem este livro da excelente editora alternativa e acadêmica, Marca de Fantasia, de meu amigo Henrique Magalhães, a quem prontamente agradeço pela chance e confiança na publicação!

Foram muitos anos de luta aguerrida de diversos autores, pesquisadores e acadêmicos dispendo e discorrendo acerca da importância dos quadrinhos como veículos literário/imagéticos de comunicação e arte, desde principalmente os anos da década de 1970 com expoentes como Umberto Eco no exterior, e no Brasil com Antônio Luiz Cagnin, Álvaro de Moya, Sônia Luyten, Moacy Cirne, Flávio Calazans, Waldomiro Vergueiro, e muitos outros, aos quais me incluo modestamente, pois que, afinal, desde o final da década de 1990 para este novo milênio percebo o quão valorizadas as Histórias em Quadrinhos se tornaram! E aqui fica minha prestação de contas em relação à área de artes, a qual me formei como licenciado e mestre, tendo meu doutoramento sido feito na área das Ciências da Comunicação – o que também foi prestimoso à manutenção da importância da linguagem quadrinhística e sua influência no ensino catedrático. É assim que, por meio destes textos interligados relacionando os quadrinhos às artes, rendo, não homenagens, mas justo reconhecimento adicional a tantos outros textos, artigos, pesquisas, capítulos e livros que diversos pesquisadores nacionais e internacionais (além dos aqui já mencionados) têm trabalhado em prol a que as histórias em quadrinhos tenham podido realmente ser chamadas de Arte... a

2. A cada um dos três textos preferi manter o resumo inicial, o que facilita o perscrutar do leitor conforme os for lendo, mas que também pode fazê-lo independentemente, passando por suas considerações parciais, até a conclusão final, seguida pela bibliografia completa que abarca todos os textos, em unicidade.

Nona Arte, se assim o quiserem, conforme se atesta nestes textos, mostrando-a reinando soberana em museus e locais onde anteriormente jamais estariam: nos museus de arte!

Leiam, “passeiem” e atestem!

Gazy Andraus

Goiânia, 10 a 17/10/2019

I

As Histórias em Quadrinhos (HQs) como arte e sua influência de linguagem em obras artísticas: o caso da 26^a Bienal de Artes de São Paulo

Resumo: Aqui se expõe que as histórias em quadrinhos no rol das expressões humanas legítimas devem receber o estatuto de arte, tais como as artes visuais, plásticas, cinema e outras, ainda mais se corroboradas as assertativas de Richard Shusterman em seu livro *Vivendo a Arte* (1998), Luciana Arslan em sua tese *Amadores da Arte* (2008) e Maria C. C. Costa (2002) em seu livro *Ficção, Comunicação e Mídias* que defendem a igualdade nas artes e não o menosprezo cindido a partir da burguesia. Isso se comprova na utilização de vários elementos da linguagem da Nona Arte, incluindo a sequencialização de imagens, conforme se averigua no estudo de caso específico de algumas obras expostas na 26^a Bienal de artes de 2004, elencadas nesta primeira parte do livro.

Introdução: Histórias em Quadrinhos e preconceitos

As histórias em quadrinhos (HQ) foram perseguidas como leituras perniciosas desde a década de 1950 até quase o final do século XX, embora sejam expressões artísticas de linguagem própria. Pois é na atualidade que as HQ passaram a ser reconhecidas como benéficas à educação, como resultante de estudos acadêmicos e mudanças no conhecimento e saberes cognitivos. Isto se deu, sobretudo, devido à relação intrínseca das HQ como uma literatura imagética (ou panvisual) e a importância delas

como imprescindível e necessário objeto de estruturação cultural aos povos auxiliando em uma melhor interface aos dois hemisférios cerebrais: esquerdo: racional (fonético) e direito: intuitivo (imagético), conforme teoria cognitivo-social de De Gregori (1999) e minha tese de doutoramento (ANDRAUS, 2006). Dessa maneira, as HQ somente agora ganham espaço em setores de mídia impressa e televisiva, que lhes concedem cada vez mais prestígio, haja vista que os quadrinhos estão migrando para formatos similares a livros e álbuns destinados a livrarias, bem como têm sido indicados ao ensino pelos PCNs, e adquiridos pelo governo a fim de figurarem nas bibliotecas escolares. Porém, principalmente no Brasil, isto nem sempre foi assim graças a um desconhecimento acerca do potencial relativo às artes, no auxílio mental à formação humana. Além disso, também a própria área das artes não prestou atenção ao seu potencial artístico, menosprezando os quadrinhos (também conhecidos como Nona Arte) e não os classificando como parte de seu rol (artístico). Um engano que começa a ser modificado, denunciando um preconceito inerente, ironicamente das artes, que também não foram devidamente respeitadas na cátedra do ensino escolar. Para que se perceba essa incoerência (e incongruência), esse artigo baseia-se em algumas ponderações de Shusterman (1998) que sustenta a estética permear quaisquer expressões humanas, e não exclusivamente as ditas Belas Artes, o mesmo comungando a pesquisadora e artista Luciana Arslan (2008) que defende uma arte mais abrangente, enquanto Maria C. C. Costa (2002) expõe as ficções e narrativas populares como partes integrantes e necessárias da integralização de uma cultura, colocando em xeque conceitos (e preconceitos) concernentes às artes em nossa cultura. Já para Grassi (1978), bem como De Gregori (1999), as artes devem figurar na cultura humana atreladas ao ensino, para que este não seja unívoco e dominante no concernente à racionalidade excludente do desenvolvimento da sensibilidade artística.

A arte em xeque

Cristina Costa (2002, p. 9) defende a necessidade das narrativas (contações de histórias, contos, folhetins, novelas etc.) alertando que para “filósofos como Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty, psicólogos como Jacques Lacan e antropólogos como Lévi-Strauss, o homem teria, em algum momento da sua história, vivenciado um processo único de ruptura com a natureza”. Assim, este processo abriria um precedente, em que tal separação desconfortável vem sido traduzida até hoje em mitos que repetem esta cisão, como uma busca de algo que permanece na estrutura interna humana como uma ruptura, um afastamento de um “paraíso” olvidado, um desligamento de uma situação primordial, sentido pelos primeiros hominídeos e lembrado até hoje como parte de um rito a reinserir o homem à natureza generosa da qual se desconectou (COSTA, 2002, p. 9). Dessa forma, elaborar narrativas, e assim, expressões artísticas em quadrinhos, portanto, se torna condição *sine qua non* para a existência humana na reelaboração e inserção à natureza, por meio dos mitos. Tais elaborações e narrativas fornecem combustível para uma busca de retorno a este paraíso que se foi. E os quadrinhos, como possibilidades criativas aliadas à premência do imagético, se tornam veículos pelos quais o ser humano possibilita tais realizações e compartilhamentos, apesar de todo o preconceito que grassou acerca de sua importância social e cultural.

Percebe-se outro motivo, e mais específico, para um não reconhecimento dos quadrinhos como arte, embora não detectável facilmente, o qual pode estar vinculado a todo o envolvimento que o ser humano teve com o despertar do racionalismo cartesiano e a dimi-

nuição do valor dado às imagens desenhadas. Nesse sentido, Costa (2002, p. 19) reflete que a Modernidade expôs a burguesia a uma forma de ser e pensar calcada essencialmente na escrita individual e silenciosa, tornando o racionalismo a prática mais aceita e legitimada, que era acessível apenas aos que desfrutavam de uma posição social que permitia a educação letrada, excluindo-se artesãos, camponeses, comerciantes e mulheres, que continuavam numa cultura oral e proletária, vivenciando as crenças, fábulas, lendas e demais narrativas ficcionais. Também o estabelecimento de uma arte atrelada apenas ao fazer artístico, ou apenas ao que se institucionalizou chamar de belas-artes, como bem advertiu Shusterman (1998), além de limitar os conteúdos, impediu que outras formas de expressão mais recentes pudessem ser vistas como arte, como no caso das histórias em quadrinhos autorais. Mas o conceito de arte vem do latim: *ars*, *artis* que significa maneira de ser ou de agir (HOUAISS, 1992, p. 9), e conforme Rohden (1985, p. 17), deriva do verbo latino *áger*, agir. E Shusterman (1998, p. 38-39) alerta que as designações gregas anteriores referiam-se à arte como *techné* (de onde derivou o termo técnica) e *poiésis*, significando basicamente criação. Para ele, a definição de arte foi preponderante para a história da humanidade, e afetou o começo da filosofia ocidental, surgida na cultura antiga de Atenas, na Grécia. Dessa forma, um princípio da divisão racional começou a se estabelecer naquela época, desde que a filosofia foi tida como fonte superior de sabedoria, opondo-se assim à arte. A filosofia se ergueu então, com Platão e Sócrates, como uma supremacia intelectual dirigida, contrária aos sofistas e retóricos e também aos poetas, já que, segundo Shusterman (1998, p. 22) eram estes que melhor retransmitiam as tradições sagradas. Dessa forma, Platão condenou a arte como sendo ilusória e afeita ao irrealismo,

temendo que ela prejudicasse a ação humana. O filósofo concebia que o artista se ligava ao público numa corrente de “possessão divinizada”, cuja fonte eram as musas. Aristóteles, por sua vez, separou o fazer artístico da ação concreta, apresentando a arte como uma atividade racional de fabricação externa, a *poiésis*. Tal atividade concebia um objeto por meio de uma habilidade técnica (*techné*), diferenciando-se da atividade prática (práxis: ação, logo, arte). Porém, a experiência estética e a fruição contemplativa da arte não se limitam ao que se convencionou historicamente chamar de arte. Shusterman adverte que a estética e a fruição são encontradas em várias atividades, tais como nos esportes, nos rituais, na ornamentação doméstica e corporal, na decoração, na mídia popular etc. Os argumentos em defesa de uma arte *per se*, cuja estética está limitada às convenções artísticas, preza que a experiência estética não seria possível sem a prática artística. Assim, Shusterman crê que o termo “estética” (de raiz grega) foi concebido no século XVIII como parte da diferenciação cultural entre ciência, práxis e arte, originando o conceito moderno de arte apenas atrelado às belas-artes. Porém, segundo o mesmo autor, são proposições falsas, pois, a fruição e a estética preexistem a uma questão prática e também a um conceito já que haveria a estética nos sentimentos humanos antes que o próprio termo tenha sido criado. Assim, não se pode limitar e definir a arte apenas atrelada ao conceito de belas-artes: separar a arte dos outros envolvimento e concepções não ligadas diretamente ao que se convencionou como belas-artes e ainda pretender que os artistas elaborem obras fora de um contexto da realidade intrínseca da vida foi uma falha do processo fragmentário da ilusão cartesiana (racional), que serviu apenas para isolar a arte da ação social e política do cidadão que faz parte de uma *polis* (cidade), e que nela influi em

todos os sentidos. Alguns estudos e teses atuais põem em xeque esta deliberação dogmática que a arte tem sido referenciada, inclusive pelo meio acadêmico. Arslan (2008) destrincha essa questão, abordando que “a concepção do estético na contemporaneidade, segundo a ideologia dominante (...) prefere discutir a arte a partir da própria história e não a partir das práticas artísticas, esquecendo a tensão necessária (entre experiência e pensamento) para a reflexão cultural”. Na mesma tese de doutorado, Arslan se baseia em vários autores como Bordieu, Canclini, Hernández e mesmo Shusterman, para desmascarar um preconceito que foi crescendo em volta ao fazer artístico, à concepção de arte, e que culminou em segregar a maioria dos cursos de arte (não acadêmicos) e alunos que, desejosos apenas de extravasar e se permitir trabalhar com suas próprias expressões, aprendendo e apreendendo a vivenciar a arte, são escorraçados e marginalizados por uma “arte oficial” que existe compulsoriamente em nossas sociedades. Porém, é interessante que na tese da pesquisadora desfilam momentos teóricos explicitando facetas contra uma relação distanciada com a arte: arte como expressão (ou manifestação dos sentimentos), arte como técnica (ou como fazer) e arte como conhecimento: todas possibilidades no rol artístico, sem que apenas uma das modalidades seja considerada como arte-mor.

Tais tentativas vêm ao encontro de um pensamento mais expandido acerca da arte, como fez Shusterman (1998, p. 234), em que define que o papel da arte é oferecer uma expressão integrada às dimensões corporais e intelectuais humanas que foram separadas durante a condensação do racionalismo fragmentário (hemisfério esquerdo cerebral dominando o direito, segundo minha própria tese já aqui mencionada). Ademais, os símbolos usados pela arte afetam a alma humana diretamente, tocando-a e comovendo-a, enquanto as expres-

sões racionais não têm participação tão ampla nesse processo (GRASSI, 1978, p. 67). Neste ponto, a reintegração da arte também vem ao encontro desta reformulação paradigmática de uma mente sistêmica, já explicada por De Gregori (1999) acerca da utilização ambi-hemisférica do cérebro a uma melhor culturalização e crescimento ético e estético do homem: o hemisfério esquerdo responde pela linearidade, racionalidade, enquanto que o direito pela não linearidade, criatividade³, (que também “lê” as imagens). E pensar a história em quadrinhos como arte, é resgatar esta qualidade que lhe foi erroneamente relegada banindo-a do rol das artes, principalmente quando se detectam elementos inerentes aos quadrinhos em outras obras de artes, como se verifica a seguir com relação às obras escolhidas a este estudo de caso (e de campo), à época da amostra da 26^a Bienal de Artes realizada em São Paulo no ano de 2004.

A influência das histórias em quadrinhos em estudos de casos na Bienal de São Paulo de 2004

As histórias em quadrinhos possuem a ambivalência e o estatuto de serem, de todas as manifestações artísticas, as menos reconhecidas, estudadas, e por isso, as mais incompreendidas e alvos de inumeráveis e infundados preconceitos, embora suas influências possam se repercutir em todas as expressões humanas, inclusive na arte, como fica demonstrado nesta Bienal através de vários traba-

3. Embora a ciência cognitiva atual já não aceite tal divisão como verossímil, há ainda indícios de que o cérebro pode funcionar desta maneira, como é o caso de pessoas que têm AVC no hemisfério esquerdo cerebral, por exemplo, e sua fala fica prejudicada. Ver mais em: <https://www.hospitalinfantilsabara.org.br/sintomas-doencas-tratamentos/avc-hemisferio-direito/> e https://www.ted.com/talks/jill_bolte_taylor_s_powerful_stroke_of_insight?language=pt-br



Fig. 1: Pablo Cardoso (Equador); Título: “Lejos cerca lejos”, 2004; Técnica: Acrílico sobre MDF (foto de Andraus)



Fig. 2: Juan, Calzadilla (Venezuela); Título: Orden en forma en el espacio; Técnica: Tinta china sobre papel (foto de Andraus)

lhos, trazendo propositalmente ou não, elementos da linguagem dos quadrinhos (vejam nas figs. 1 e 2), reforçados principalmente em particular, por quatro trabalhos gráficos, e mais um quinto manifestado em vídeo, presentes no segundo andar do pavilhão daquela grande exposição de nível internacional. A primeira obra a se mencionar compõe-se de 112 desenhos a lápis em papel A-4, sulfite, dispostos sequencialmente, narrando a resistência lituana ocorrida há 50 anos, cuja natureza conspiratória não deixou nenhuma imagem registrada das lutas. Os irmãos Gintautas e Mindaugas Lukosaitis, fizeram as vezes da fotografia com esta história em quadrinhos muda, em que cada folha de papel registra uma cena em grafite artístico, e num estilo realista com ângulos à melhor maneira de um *story-board*, ou de uma história em quadrinhos, em que cada página pos-



Figs. 3, 4 e 5: Gintautas e Mindaugas Lukosaitis, (Vilna - Lituânia); Sobre a resistência lituana; Técnica: Instalação (fotos de Andraus)

sui uma imagem apenas (as HQ não obrigatoriamente são feitas por mais de um quadrinho por página, embora esta seja uma prática mais comum em HQs). Há cenas de puro lirismo, transmitindo apertes chocantes da guerra, ou bucólicas com a natureza ao fundo e o pranto de soldados ao lado de companheiros mortos. A disposição destes desenhos na Bienal é de forma horizontal, sendo que os desenhos figuram também na forma horizontal da folha, intercalados algumas vezes com folhas verticalizadas (figs. 3, 4 e 5). O ponto alto desta instalação são mesmo os desenhos, detalhados e extremamente artísticos, enriquecidos em alguns momentos com os efeitos de opacidade que as transparências



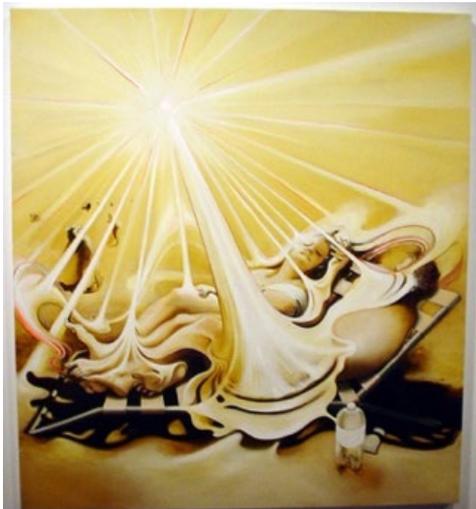
das folhas de papel manteiga sobrepostas ao sulfite acarretam, com precisão de tons que vão a gradações de cinzas e hachuras, lembrando resoluções gráficas de esboços de histórias em quadrinhos (inclusive linhas de movimento), antes de serem passados à arte-final.



Figs. 6 e 7: Dois dos 4 quadros de Munteau (austriaco) e Rosenblum (israelense); Sobre o tempo e a vida; Técnica: Acrílica. (fotos de Andraus)

O segundo trabalho, que merece visitação,   de autoria de Munteau (austríaco) e Rosenblum (israelense). Ambos criaram pinturas de aproximadamente 2,5 x 2,5m, em acrílica, em que há 4 quadros retratando várias pessoas em cada cena (figs. 6, 7). As pinturas, isoladamente trazem grupos de faixas etárias distintas, em que cada qual deles insere-se em algum contexto da sociedade refletindo através de seus rostos – que olham para o espectador – a falta de perspectiva e alegria na vida. O interessante destes trabalhos é a inserção de um texto narrativo no rodapé de cada quadro, remetendo aos quadrinhos que se utilizam destes elementos. Na última pintura da série (que pode ser vista da esquerda para a direita ou independentemente), mostrando pessoas adultas, inclusive idosos, pode-se ler o texto em inglês: “Nós fomos levados a acreditar que o tempo muda rapidamente agora e que a história está se movendo mais e mais rápido. Mas o tempo, ele mesmo não muda. É o ritmo, nosso modo de ver o tempo, que muda.” (fig. 7). Este texto, aliado à estranheza e vazio dos semblantes de jovens e senis nas figuras pintadas, aciona uma auto-reflexão severa em cada um de nós, espectadores da narrativa pintada.

O terceiro conjunto de obra, consta de 4 pinturas a óleo sobre tela (figs. 8, 9, 10, 11), e aproxima-se mais ainda das histórias em quadrinhos, dos mangás e desenhos animados (cenários de fundo que lembram desenhos de Walt Disney ou *animes* feitos para o cinema). A própria identificação destes trabalhos de Inka Essenhigh (artista então residente em New York) comentava a proximidade de sua obra com as HQ japonesas e animação. Aliado ao jogo de movimentação aparente nas figuras ou mesmo nas silhuetas das “ rvores” lúgubres que aparecem numa das pinturas, há uma narrativa enquanto simbólica, ao mesmo tempo permeada de surrealismo que causa estranheza pela sua configuração e tons de cores.



Figs. 8, 9, 10, 11: Inka Essenhigh (New-York – USA); Simbolismo e surrealismo;
Técnica: óleo (fotos de Andraus)

O quarto trabalho, que é apresentado em uma projeção numa sala escura, é um misto de desenho animado computadorizado, com hibridização de cenas de filmes, (como do filme “Tróia”), cenários kitsch e atuações similares aos seriados de filmes de ficção japoneses, como Changeman e Jiraya, numa reapropriação em vídeo-clip de ordem metafórica e de metalinguagem, com humor crítico (figs. 12,



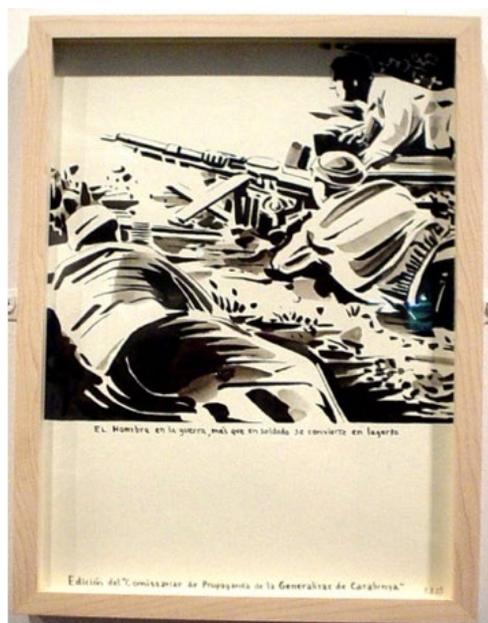
Figs. 12 e 13: Martín Sastra (Peruano residente em Madri); Título: *Bolívia 3.*;
Técnica: vídeo (fotos de Andraus)

13). O autor é Martín Sastra (residente em Madri à época), e o título do vídeo é *Bolívia 3*. Descreve a nova configuração do mundo de 2792, após a queda de Hollywood, e emergência do eixo ibero-americano (confederação da Bolívia). O interessante é a amostragem do mapa do suposto período, no início do vídeo: a apresentação dele é invertida, estando a América do Sul no norte, e vice-versa. A técnica mistura animação computadorizada e principia mostrando um cenário pantanoso de onde emerge um personagem com trajes de ficção científica, se autodenominando Tom Cruise, enquanto ao fundo pode-se ver parte da palavra Hollywood, que figurava no “passado” nas montanhas daquela cidade, como que demonstrando que os aspectos de relevo e geografia se modificarão bastante com o evoluir do tempo, denotando a destruição hegemônica da indústria cinema-

tográfica norte-americana. O fator instigador da obra é a disposição da ambientação e dos personagens, bem como a trilha sonora, todos kitsch e de uma configuração pós-moderna, criticando claramente a indústria comercial do entretenimento barato e lacunoso de um discurso mais arrojado e reflexivo, o que pode ser percebido numa das frases lançadas na narrativa: “Quem controla a ficção tem controle absoluto sobre o futuro”. O trabalho é mostrado em aproximadamente 10 minutos, mas valia a pena ser visto devido ao envolvimento e interação dos conceitos proponentes.

Reforçando-se o conceito de que as histórias em quadrinhos exercem mesmo um necessário dialogismo psíquico entre a vontade humana de comunicação e expressão e as imagens sequenciadas, os elementos dessa linguagem (como balões de falas, sequências de ações e outros) se apresentavam em muitas outras obras dos mais variados artistas e nacionalidades, mostradas em diversos suportes (como pinturas em tecidos ou madeiras, e outros), enquanto eram reforçados nas montagens dos trabalhos, apresentando-se muitas vezes dispostos sequencialmente como se fossem páginas em que os elementos “vazados” entre os quadros – independentemente de cada qual conter uma mensagem única e fechada – dessem as tônicas principais, conduzindo os olhares das pessoas através das obras (na forma de pinturas, fotos e desenhos), como aconteceria se estivessem lendo revistas ou álbuns de histórias em quadrinhos. Isto pode ser verificado também na série de pequenos quadros do peruano Fernando Bryce (residente entre Berlim e Lima), que contam quase aleatoriamente vários momentos revolucionários da história, em especial sobre a guerra civil espanhola, em que algumas molduras traziam representações à nanquim de textos jornalísticos ou panfletários, enquanto outras vinham com imagens desenhadas, reiteran-

do os elementos imagético-literários dos quadrinhos (fig. 14). Num desses quadros, representa-se três soldados que se arrastam à luta em plena guerra, enquanto o texto em castelhano no rodapé tal qual nas HQ, descreve filosófica e ironicamente que “o homem na guerra, mais que em soldado se converte em lagarto”, numa alusão direta à maneira réptil com que os homens se locomovem na ação (fig. 15).



Figs. 14 e 15: Fernando Bryce; Sobre revoluções e guerra civil e espanhola;
Técnica: nanquim (fotos de Andraus)

De qualquer modo, como se verifica e se reitera, as histórias em quadrinhos como fonte de referência e influência contundente de sua linguagem continuam permeando o psíquico do ser humano, ofertando seus elementos em quaisquer formas de manifestação artística.

Nesta bienal (mas não só nela), isto se torna mais claro nas obras aqui comentadas e seus flertes explícitos com a *nona arte*, relevando

assim a importância das HQ e sua influência como objeto comunicacional e artístico peremptório, independente dos avanços tecnológicos e modalidades de suportes expressivos.

Considerações parciais

Embora o processo cartesiano da ciência tenha isolado a arte, e esta em si mesma, principalmente à época da burguesia, tenha isolado seus conteúdos, mantendo alguns e expulsando outros (como acarretou às histórias em quadrinhos), percebe-se na atualidade que tais atitudes foram entronizadas por uma mente cindida, fragmentária e que não conseguia operar de modo integrativo, criando preconceitos infundados. Apenas com mudanças paradigmáticas recentes tem podido haver a diminuição desses preconceitos e até ruptura com uma maneira retrógrada de se pensar, muito devido às novas teorias cognitivas embasadas por questão como as dos hemisférios cerebrais, e uma abordagem atualizada para a ciência e as artes.

Assim, nesta esteira de mudanças, a arte das HQ começa a ser valorizada principalmente por parte de teóricos (da educação e das artes) que anteriormente não as reconheciam, e por artistas que sequer lembravam-se da arte dos quadrinhos, ou quando o faziam, ignoravam-nas quase que totalmente, como um subproduto minimamente indigno de reflexão. É assim que, principalmente a partir de assertivas como as de Shusterman (1998), Arslan (2008), Costa (2002) e outros, defendendo uma ampliação às artes, que as histórias em quadrinhos no rol das expressões legítimas devem receber o estatuto artístico, tais como as artes em geral, ainda mais se averiguadas pelo estudo de caso das obras inseridas na 26ª Bienal de artes de 2004 aqui demonstradas, nas quais muitos dos trabalhos

aludem claramente à linguagem dos quadrinhos, explícita ou implicitamente, e que existem desde os primórdios da aurora humana como fator imprescindível e necessário objeto de estruturação cultural aos povos. A atenção às histórias em quadrinhos como arte vai encontrar um eco maior ainda, pois que direto, a partir do próximo capítulo, em que numa exposição na Pinacoteca parisiense, destacou-se a obra de um dos maiores autores de HQ do mundo, como se verá a seguir.

II

Le Voyage imaginaire d’Hugo Pratt na Pinacothèque de Paris: o status dos Quadrinhos como arte e autoralidade

Resumo: As História em Quadrinhos (HQs) também são chamadas de Bande Dessinées (BDs) na França, onde se percebe nitidamente que levam o *status* de arte, pois lá já atingiram apogeu e maturidade. Isto se confirma pela exposição de Hugo Pratt, intitulada *Le Voyage imaginaire de Hugo Pratt*, ocorrida na Pinacothèque de Paris, em 2011, e que veremos nesse segundo capítulo. Nela, os apreciadores de arte, incluindo os de quadrinhos, puderam estar presentes para ver a obra do autor italiano em seções temáticas, comprovando a valorização artística das obras quadrinizadas do autor em questão, sobretudo com a HQ/BD *A Balada do Mar Salgado*, exposta na íntegra em meio a outros trabalhos seus. E isto, a despeito da perda ou não da “aura” a que aludia Benjamin (1994), em contrapartida a Shusterman (1998) e Richerme (2007) para os quais a arte não pode ser segregada, pois pressupõem, respectivamente os autores, uma estética e inteligência organizadora. Com isso, percebeu-se que a arte (e seus espaços dedicados a ela) não mais desvaloriza as histórias em quadrinhos, relevando sua qualidade artística, ratificando a importância das HQ e agregando compartilhamento e fruição para o engrandecimento intelectual/estético, como no seu potencial cultural já que cada vez mais podem ser veiculadas em museus, como num novo estado de arte mundial. É o que se verá também nesse segundo capítulo.

Introdução

Uma pinacoteca é um museu que abriga uma coleção de quadros, o que equivale a dizer que tem pinturas e outras obras artísticas de valor artístico reconhecidos mundialmente. É assim com a Pinacoteca do Estado de São Paulo, por exemplo. Mas também com a *Pinacothèque de Paris*, na França.

As histórias em quadrinhos passaram por vários momentos desde sua oficial criação, aos fins do século XIX, com a ampliação da possibilidade tecnológica de imprimir jornais e posteriormente revistas. A “aura” que Walter Benjamin (1994) acreditava se esvaír da reprodutibilidade possível das obras artísticas não vale para este tipo de expressão: as BDs (*Bande Dessinées*) na França, como são conhecidas as Histórias em Quadrinhos (HQs) são parte de um novo legado de arte que não pode jamais ser menosprezado, a se aceitar as premissas de Shusterman, como se viu no capítulo inicial deste livro. Conforme Shusterman (1998), a estética preexiste à própria palavra, sua “beleza” artística é inerente e, portanto, não pode segregar “artes maiores” de “menores”, como as próprias Belas Artes teimavam em fazer (ANDRAUS, 2011). E se para Richerme (2007) a arte e sua qualidade dependem da inteligência que a gerou e organizou (ainda que para este autor, tal qual Shusterman avisou, arte é sempre arte, mesmo que diferenciada pelo seu grau de inteligência organizacional), pode-se afirmar que os quadrinhos (também chamados de Arte-Sequencial), são essencialmente inteligentes em sua organização e diagramação das páginas, como asseverou Tisseron (1990), já que neles se encadeiam suas linhas de requadros cartesianamente em contraposição aos desenhos soltos e fluidos que são por eles abarcados.

Um outro ponto interessante a se verificar, e pouco reconhecido, é a autoralidade nas HQs. Se existem histórias em quadrinhos que são realizadas por equipes, como nas grandes editoras – sejam de humor da linha Walt Disney, ou super-heróis norte-americanos, ou ainda nos mangás japoneses ou humorísticas brasileiras dos estúdios de Maurício de Sousa – há também as HQs que são produzidas por um só ou dois autores, com uma concepção diferenciada e mais autoral. É principalmente nesse quesito que aqui são inseridas as HQs de arte (não se diminuindo as outras, mas na verdade, reconhecendo que nelas a autoralidade é bem diluída e atinente a uma editoria que tem um poder maior que os autores, muitas vezes detendo para si seus direitos, e mantendo os autores como funcionários da empresa, o que se distingue dos autores *per si*, como nesse caso de Hugo Pratt, como se poderá verificar).

De toda maneira, tardou, mas a atualidade e contemporaneidade colocaram as HQ em seu devido valor: na arte. E a *Pinacothèque de Paris* atestou isso, definitivamente, na exposição aqui elencada do autor italiano Hugo Pratt, intitulada *Le Voyage imaginaire de Hugo Pratt*, ocorrida de 17/03 a 21/08/2011. Nela, os apreciadores de arte, incluindo os de quadrinhos (e/ou bandas desenhadas), puderam estar presentes para ver a obra do autor italiano em seções temáticas. Naquela retrospectiva imagética, a pinacoteca parisiense, que se atém a abarcar artistas e suas produções consagradas no rol das artes, comprovou a valorização artística das obras quadrinizadas do autor em questão, cujas narrativas imagético-literárias aventureiras, já comentadas e estudadas por Eco (1998), descortinaram-se, sobretudo com a HQ/BD *A Balada do Mar Salgado*, exposta na íntegra em meio a outros trabalhos seus.

Tal exposição fez o público perceber, ao visualizar as obras em quadrinhos do italiano Hugo Pratt, a importância das HQ agregando compartilhamento e fruição para o engrandecimento intelectual/estético, tanto ao que tange à arte *per si* (Shusterman, 1998), como no seu potencial cultural já que cada vez mais podem ser veiculadas em museus (como neste caso), e que não mais são desvalorizadas em seu estado de arte. Assim, a importância em existirem exposições de HQ, minimiza o preconceito conquanto ao valor estético e sociocultural e amplia o alcance acadêmico das HQs/BDs, permitindo que mais públicos ecléticos conheçam tal arte – agora reverenciada – e se aprofundem nela, devido à exposição num recinto próprio à fruição como a da Pinacoteca de Paris (e que muitos jamais imaginariam ver nela expostas histórias em quadrinhos!).

Um pouco da vida e obra de Pratt

Nas entrevistas do livro “O desejo de Ser inútil” (PETITFAUX, 2005, p. 17), Pratt afirma ter nascido em Rimini, Itália, em 15 de junho de 1927, e brinca dizendo que tem treze maneiras de contar sua vida, mas não sabe se algumas delas seja verdadeira, ainda que, como afirma, a vida verdadeira seja um sonho. Há uma linhagem judaica proveniente de sua vó materna, mas não se afirma judeu. Na infância, recorda-se de seu tio marinheiro Ruggero (dito Lello), meio anarquista e considerado à margem pela família, e que muito o influenciou, já que Pratt também era o único verdadeiro interlocutor dele, quando regressava das viagens. Da escola, Pratt recorda-se de uma professora que percebendo seu gosto por desenho, deixava-o desenhar em vez de dar-lhe ditados, e revela que aos sete anos, na escola primária, teve um uma perda de memória devido à uma in-

solação, tendo permanecido em estado de choque, e lembrando-se apenas de uma luz, ao que regressou à normalidade somente após seis meses. Acerca da religião, afirma que toda sua família na verdade, embora metade judaica (paterna) e metade católica (materna), não acreditava em nada, ainda que sua mãe, surda, fosse atraída pelo esoterismo, cabala e cartomancia. De seu pai herdara o gosto da literatura e das histórias de piratas que ele lhe contava ao dormir. A avó materna era quem o encorajava nos desenhos, mas seu gosto pela escrita (e pela poesia mais especificamente) advinha de um de seus avôs. Pratt afirma mesmo que a poesia é a forma literária que mais lhe dava prazer, porque continha as imagens (PETITFAUX, 2005, p. 32). Aos dez anos parte com sua mãe para Etiópia, para ficar com seu pai que para lá se foi antes a trabalho. Naquela época, sem máquina fotográfica, começou a desenhar o que via num caderno (o que já prenunciava as anotações que se veem em suas HQs, ou mesmo as bandas desenhadas que realizava). Na Etiópia, começou a viver seus romances adolescentes e no início de 1943 regressou com a mãe pra Itália, e pouco depois seu pai morre na guerra. Entre 1943 a 1949 tem sua juventude entremeada a novas aventuras, amores e leituras, incluindo os quadrinhos de Flash Gordon. Ainda nesse período, viu-se alistado em 1944 no exército alemão, embora contrariado, para sobreviver, já que havia sido preso como sul-africano, ainda que tivesse explicado que era italiano de Rimini. Foge três semanas depois e consegue retornar a Veneza, mas em 1949 viaja para Argentina, onde permanece por treze anos, tendo testemunhado diversos acontecimentos políticos como o Peronismo, além de desenhar e lecionar na Escuela Pan-Americana de Arte, com Alberto Breccia, lembrando que trabalhou com o roteirista Héctor Oesterheld – com quem teve muitas rugas – na elaboração das HQ

de Sgt. Kirk, além de outros trabalhos. Em 1959 parte para Inglaterra onde fica por um ano, seguindo depois para os Estados Unidos da América, trabalhando com mais HQs e aquarelas com temáticas indígenas, ficando poucas semanas, para depois continuar viajando para as Antilhas, Brasil, e de novo voltando à Argentina. Em todas as viagens, Pratt se envolveu com antigos e novos amores. Na Argentina voltou a produzir HQs com roteiros próprios enquanto enviava outros para Inglaterra, de onde finalmente começava a receber bem, e, portanto, a viver com mais tranquilidade financeira. Por fim, em 1962 retorna à Europa, deixando para trás problemas variados na Argentina, como a economia, amizades e amores que não mais se sustentavam (principalmente um adeus a Giselda Dester, um de seus maiores amores). Pratt afirma que esses treze anos na Argentina foram sua passagem da juventude à maturidade. Entre 1962 a 1970 viveu em Veneza, tendo trabalhado para dois jornais e uma revista de banda desenhada (*Sgt. Kirk*), mas continuou regularmente viajando até mesmo para a América do Sul, com pequenas “escapadas”. Numa dessas novas vindas ao Brasil, travou contato com uma cartomante chamada Bouche Dorée em Salvador, na Bahia, que o inspirou a criar uma das personagens de Corto Maltese. Teve, inclusive, alguns filhos com outras mulheres no Brasil, parecendo mesmo um marinheiro que deixava além das saudades, sua prole! Depois vive um período de dias na Amazônia com os índios Xavantes, e se comunica com eles por desenhos, constatando que não conseguem estabelecer leitura sequenciada nas HQ, mas apenas quadro a quadro isoladamente – mas afirma que isso não o surpreendia, visto que muitos “civilizados” também não percebiam nada da banda desenhada – e ainda com os indígenas, tem mais outro filho mestiço que os índios diziam ser filho de “Uca” – Hugo (PETITFAUX, 2005,

p. 126 a 128). Sua vida começa a tomar o rumo da fama, quando em 1968 dá uma entrevista para a revista francesa *Phénix*, no Congresso de Lucca, e conseguindo trabalho para a revista francesa *Piff*, indo morar em Paris. Graças a isso, a partir da década de 1970, especificamente em 1971, vê ser publicado um primeiro álbum seu com histórias coletadas de *Piff*, que trazia episódios de Corto Maltese. Depois de idas e vindas para Marrocos, Irlanda e EUA, sai da *Piff* em 1973 e começa a publicar na revista francesa *Journal Tintin*, e em seguida a Editora Casterman começa a lançar edições de *Corto Maltese* (seu personagem que se torna sua marca), em álbuns, incluindo *A Balada do Mar Salgado*, tornando Pratt um dos mais célebres autores de HQ (BD) da Europa (e então, do mundo). Muda-se para Suíça a partir de 1984, tendo conhecido o alquimista André Malby e ao final da década de 1980 e início de 1990, lança o álbum *As Helvéticas* que pode ser considerado uma homenagem de Pratt à cultura medieval e esotérica, traduzindo o estado de espírito e busca do autor. No livro de Petitfaux (2005), ao final, há na entrevista uma divisão de seis momentos (ou “portas” como o designa o entrevistador) que podem descrever o mundo interior de Hugo Pratt, e que podem ter servido para influenciar a exposição da *Pinacothèque de Paris* e suas seções temáticas. As “portas” são, a viagem do peregrino; cultura ou culturas; uma educação esotérica; mitos ou metafísica; mundo no feminino; heróis ou guerreiros e desejo de ser inútil. Há ainda um sétimo momento (ou sétima porta) que desvela o significado do título do livro “Desejo de ser inútil”, frase atribuída a Pratt, de quando travava embates com os que ele dizia serem “intelectualoides” e que faziam referências a toda hora a Galbraith, Marx ou Marcuse entre outros, depreciando os autores que Pratt lhes retrucava, como Homero, Stevenson ou Milton Caniff, acenando-lhe que seu trabalho era inútil.

til. Pratt também sabia que consideravam as HQs como aparte da verdadeira cultura, visto que não eram ensinadas na universidade. É assim que com suas próprias palavras no livro, Pratt arremata:

O meu pai tinha razão, eu achei a minha ilha do tesouro. Achei-a no meu mundo interior, nos meus encontros, no meu trabalho. Passar a minha vida com um mundo imaginário foi a minha ilha do tesouro. Claro, é verdade que os mundos que eu visito ao sabor das minhas buscas podem por vezes ser julgados pueris ou inúteis, tão distantes se acham das preocupações quotidianas, mas quando hoje penso naqueles que me acusavam de ser inútil, e no que eles julgavam ser útil, então, perante eles, não tenho apenas o prazer de ser inútil, mas também o desejo de ser inútil (PETITFAUX, 2005, p. 289).

Pratt falece em 20 de agosto de 1995, vítima de um progressivo cancro intestinal detectado em 1994, tendo antes viajado o mundo todo e produzido obras que são consideradas de alta qualidade narrativa e literária da história em quadrinhos mundial, elogiadas e estudadas por diversos teóricos como Umberto Eco e outros. A força imagética (principalmente em preto e branco) das pranchas de Pratt, aliada à energia e informação rica de conteúdos plurais em seus roteiros fizeram de suas HQs um marco na área dos quadrinhos, mas mais que isso: elevaram sua arte aos patamares de um artista do quilate de um Goya, Van Gogh ou mesmo um Picasso. Tanto que a *Pinacothèque de Paris* abriu a exposição nos mesmos moldes e qualidade que faria com qualquer outro dos dois artistas aqui comparados a Pratt (e realmente, a seguir à exposição de Hugo Pratt, viria uma de Van Gogh).

Reforça-se, então, mais que reiterar os valores das HQs – já bastante elencados em diversos artigos acadêmicos e livros pelo Brasil

e mundo⁴, demonstra-se aqui por algumas imagens a grandiosidade da obra de Pratt (por conseguinte, sua rica vida cultural) e a generosidade e respeito com que a *Pinacothèque de Paris* aceitou a esse artista, então aos quadrinhos, como elevação de arte, atestada inclusive, na edição especial da revista *BeauxArts*, especialmente dedicada à exposição (fig. 1).

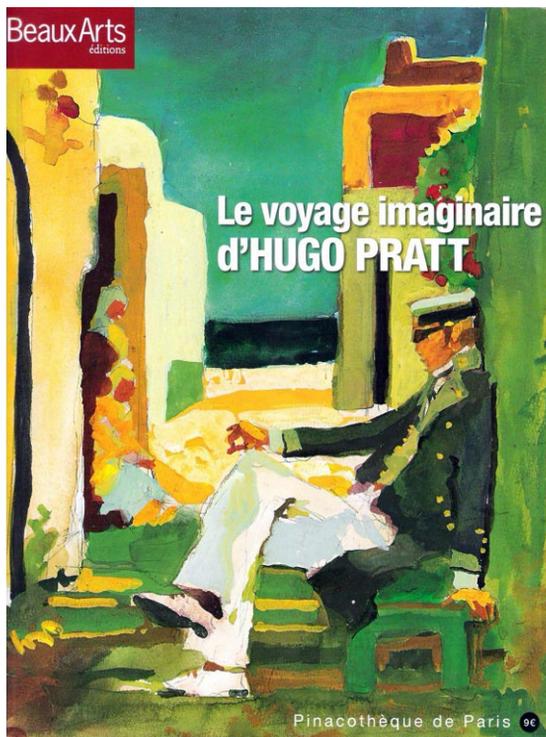


Figura 1 – Edição especial para a exposição de Hugo Pratt na Pinacothèque de Paris. Fonte: Le Voyage Imaginaire d’Hugo Pratt. Beaux Arts éditions/TTM Éditions. Pinacothèque de Paris. s/data

4. O autor deste texto possui vários artigos, além da sua tese que defende o valor implicado das HQs na mente humana. Foi apresentado nas 1as. Jornadas, o texto que faz parte deste livro “A influência das histórias em quadrinhos em obras artísticas: o caso da 26ª Bienal de Artes de São Paulo” que justamente esclarece o valor das HQ como arte.

A exposição em seções temáticas

Logo à entrada do prédio da *Pinacothèque* é possível visualizar o grande cartaz anunciando a exposição, e contendo a imagem-símbolo do rosto desenhado de Corto Maltese, o personagem principal de Pratt, e de certa forma talvez, um alter-ego do autor. Ao adentrar a *Pinacothèque* cujo ingresso se compra em outro prédio à esquina, como uma extensão do museu (vide fig. 2), percebe-se, ao subir, uma suntuosidade silenciosa arranjada tal qual qualquer exposição séria de arte.



Figura 2 - Entrada da Pinacothèque e Anexo onde se vendia o bilhete.
Fonte: Arquivo pessoal do autor

Logo no início da exposição, o texto de Marc Restellini, curador da exposição, diagnostica a mostra:

Como a fotografia, a história em quadrinhos interroga. Refere-se ao velho debate sobre as grandes artes e artes menores. Um criador de quadrinhos é um artista? A verdadeira questão é se talvez haja o mes-

mo status que um pintor ou um escultor, ainda que tenha se tornado celebre por uma forma de arte de tipo industrial e de todo modo dirigida ao grande “público em geral”.

Esta questão é ainda mais forte e evidente quando se trata de uma personalidade como Hugo Pratt. Ninguém pode negar a ele o status de artista. Isso é inalienável. Mas o seu lugar entre os “verdadeiros” artistas sempre será mais difícil para conquistar pelo simples fato de que se está à frente de um “autor de HQ”⁵.

Mesmo com o aviso do texto, ao se passear pelas obras de Pratt dentro da suntuosa pinacoteca, é decisivo que o mais cético se renda à magnanimidade de seu trabalho, comprovando de vez sua potencialidade afluída artística, como se verá aqui por algumas das fotos que exemplificam a exposição⁶.

Também, para um melhor entendimento de como foi organizada a exposição, deve-se salientar que ela se dividiu em seções temáticas, conforme assevera o texto de abertura de Restellini: “esta exposição reconta a formidável ‘viagem imaginária’ e retraza a vida de Pratt *não de maneira cronológica, mas através dos grandes temas que percorreram sua vida*”⁷. Em meio aos temas (“desertos”, “ilhas

5. No original : Comme la photographie, la bande dessinée interroge. Elle renvoie à ce vieux débat sur les arts majeurs et les arts mineurs. Un créateur de bandes dessinées est-il un artiste? La vraie question est d’ailleurs peut-être de savoir s’il a le même status qu’un peintre ou qu’un sculpteur, alors même qu’il s’est rendu célèbre par un forme d’art de type industriel ou tout au moins «grand public». Cette question est d’autant plus forte et évidente lorsqu’il s’agit d’une personnalité comme Hugo Pratt. Personne ne peut lui renier son statut d’artiste. Il lui est inaliénable. Mais sa place parmi les «vrais» artistes sera toujours plus difficile à conquérir du simple fait qu’il est avant tout un «auteur» de BD.

6. Ainda que fosse proibitivo fotografar, quando pedi e expliquei ao guarda interno, de que eu era pesquisador de BD, ele me permitiu tirar fotos com tranquilidade.

7. No original: Cette exposition retrace la formidable « voyage imaginaire » et retrace la vie de Pratt non pas de façon chronologique, mais à travers les grands thèmes qui ont parcouru sa vie.

e oceanos”, “cidades”, “mulheres”, “viagens” etc.), há um vídeo-entrevista com Pratt dissertando sobre sua vida e trabalho artístico com as HQ, e uma exposição completa com a BD “A Balada do Mar Salgado”, conforme se verificam nas fotos que seguem (figs. 3 a 7):



Figura 3 – A exposição com HQ e ilustrações de Pratt.
Fonte: Arquivo pessoal do autor

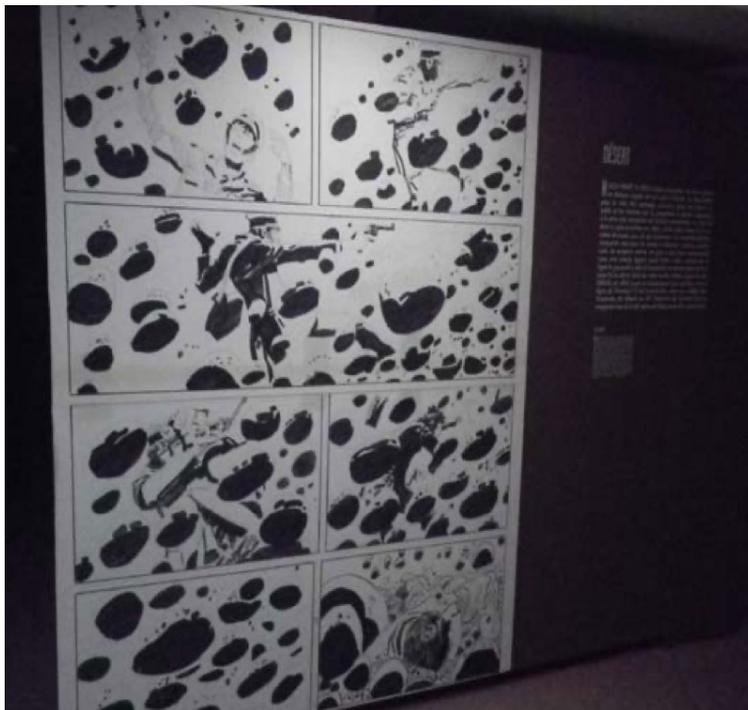


Figura 4 - Uma prancha em uma das exposições temáticas (“Deserto”). Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 5 - Vídeo com entrevista de Pratt ao fundo, na exposição com HQs e aquarelas. Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 6 - Exposição na íntegra da HQ “Balada do Mar Salgado”.
Fonte: Arquivo pessoal do autor



Figura 7 – Destaque para a assinatura do artista na exposição de “A Balada do Mar Salgado”. Fonte: Arquivo pessoal do autor

Considerações parciais

Pratt chegou a dizer que “a minha vida começou bem antes de vir ao mundo, e imagino que prosseguirá sem mim por muito tempo” (PETITFAUX, 2005) antevendo uma constituição perene e trajetória vivida aventureira, que repercutiu concomitantemente em suas HQs e seus personagens, ainda que transitassem ficcionais, mas que poderiam ser verossímeis devido à riqueza dos detalhes culturais tanto na elaboração do texto e falas das personagens (idiossincráticas comumente), como nos desenhos que refletiam as cidades, as arquiteturas, paisagens, os tipos físicos etc. (como se pode ver na exposição, claramente). Tais reflexos transpareciam em seus desenhos nos quadrinhos, tanto em preto e branco como nalgumas vezes em cores, que faziam de sua arte – ainda que para “as massas”, por serem, quadrinhos, e portanto, reproduzíveis⁸ – ao mesmo tempo e devido à gama sutil de seus traços em nanquim, algo do mais fino e elegante desenho, que pode ser observado, estudado, aprofundado, e por fim, não menos necessário: desfrutado para deleite e absorção visual como sói ser uma arte de qualquer artista, seja Van Gogh ou Picasso. É isso o que a *Pinacothèque de Paris* não só asseverou imateticamente com tal exposição, como também, finalmente atestou para o mundo todo, ratificando a arte de um verdadeiro autor de HQ/BD, de alta e refinada cultura e vasta experiência vivida, tal qual o é um artista plástico consagrado no rol das ditas belas-artes.

8. O que não diminui em nada seu potencial artístico, mesmo tendo em pauta a questão da “aura” já aventada por Walter Benjamin (1994), na qual caberiam atualmente muitas discussões, ainda mais devido às possibilidades tecnológicas contemporâneas e às artes “virtuais”, portanto, sem uma materialidade “original” obrigatória.

Na terceira e última parte deste livro, teremos um artigo para arrematar e complementar a associação dos quadrinhos à arte, mas finalmente, com exemplos de histórias em quadrinhos que se relacionam com outra arte, a da poesia, como se verá!

III

Expo Transmuriliana — homenagem aos 10 anos do Museu de Arte de Murilo Mendes (MAMM) com transposições às HQs de suas poesias: reflexão e função de resgate educativo na Literatura e Quadrinhos

Resumo: Nosso país mantém atualmente uma cultura limitada nacionalmente em relação ao reconhecimento de suas criações como legado cultural. Um exemplo é a autoria do poeta Murilo Mendes (1901-1975), reconhecido na região mineira de Juiz de Fora/MG (tendo inclusive lecionado Cultura Brasileira em Roma), mas praticamente subutilizado nas escolas do Brasil atual. Suas poesias e a comemoração dos 10 anos do museu dedicado a seu nome em Juiz de Fora tornam emblemática a questão e resistem como exemplo desta ingenuidade brasileira, já que fora de sua localidade, tanto o poeta como o museu são parcamente reconhecidos na contemporaneidade. A exposição montada em 2015 pelo curador Thiago Berzoini, *Transmuriliana*, rememora poesias de Mendes ora transpostas para as histórias em quadrinhos (HQs) com autores de diversas regiões brasileiras e ainda auxilia na manutenção das HQs como arte possibilitando sua interação às poesias com uma função renovada crítico-reflexiva e educativa oferecidas pelo museu, cuja função defendem Ramos (2004) e Arslan (2008). Delineiam-se aqui questões de deficiência no âmbito cultural no Brasil, em contraponto à iniciativa louvável do MAMM que se abre

para uma difusão abrangente nacionalmente, e amplia-se o conceito inclusivo de arte dado por Shusterman (1998), ao inserirem-se os quadrinhos, derrubando o preconceito que as Belas-Artes impingiram às próprias expressões artísticas. Esse resgate também favorece uma fruição reflexivo-educativa do público com as poesias de Murilo Mendes, afixadas ao lado das transposições, bem como sua sensibilização às obras numa visão amplificada graças às transposições, aliado ao complemento de uma palestra realizada acerca da importância das HQs e sua poética, mantendo o caráter artístico envolvente à exposição como um todo. Isso formatou um público bastante interessado, possibilitando-lhes uma valorização da cultura em geral, incluindo a literatura poética de Murilo Mendes com a função educativo-crítica do museu, que pode se espargir em âmbito nacional estimulando o reconhecimento dos quadrinhos em geral, e no caso, os brasileiros, como arte, assim como visto nos capítulos anteriores com relação à França e à Bienal de arte que incluíram obras que dialogavam claramente com a linguagem dos quadrinhos.

De museus, HQs e artes

Educação, cultura e aplicações de ambas a cada cidadão dependem dos estímulos que a própria sociedade endemicamente propicia⁹. Assim, cada país tem sua cultura em diversas áreas, bem como idiosincrasias que se formatam ao longo do tempo: artistas, escritores, poetas e professores, e cada um desses seres formam uma ampla e vasta rede que delinea cada nação, enriquecendo-a, ainda que muitas vezes possa ser pouco explorada pelos seus próprios concidadãos.

9. Emprestando o termo proveniente de “endemia” das áreas biomédicas.

Esse poderia ser um caso atinente ao Brasil, já que muitos de seus expoentes culturais se tornam pouco conhecidos, e suas obras menos ainda, impedindo o amplo crescimento intelectual e mental-criativo de sua população, mas então, não tão integrada quanto poderia sê-lo. Um pouco dessa culpa recai no sistema de ensino cartesiano defasado que se empenha em formatar a mente dos jovens para que deem conta de entrar nas faculdades a fim de se tornarem especializados nisso e naquilo... e no meio do caminho para tal intento, lhes perpassam, por exemplo, literaturas como Graciliano Ramos, Machado de Assis, e até tiras em quadrinhos de Fernando Gonsales (Níquel Náusea) e o argentino Quino (Mafalda), dentre alguns outros autores mais novatos que são encontráveis na Internet, essa rede universal caoticamente informatizada. Mas por que outra maioria dos autores de igual valor é desprezada, como Rubem Alves (educador e escritor) ou Manoel de Barros (poeta criativo), ou ainda Edgar Franco (autor de HQs poéticas), tornando-os “fantasmas”, sombras do potencial daquilo que poderia ser explorado e usufruído?

Quando convidado por Thiago Berzoini para verificar a exposição em homenagem aos 10 anos do MAMM (fig. 1), este autor confessa que foi pesquisar mais acerca do poeta modernista Murilo Mendes, nascido em Juiz de Fora em 1901 e que depois de alguns trabalhos burocráticos, singrou pela Europa divulgando a cultura brasileira, tendo inclusive lecionado Literatura Brasileira na Itália. De posse de tais informes (e outros, como a poesia de Murilo ser um tanto surrealista, modernista, mas igualmente religiosa com raízes na Idade média), despertaram-me¹⁰ para essa falta de reconhecimento no Brasil,

10. Neste capítulo, tomo a liberdade de manter o texto em primeira pessoa, para melhor entendimento do leitor, já que a experiência que tive levou-me não só a dar uma palestra ao público, mas também participar da exposição criando uma HQ baseada num texto de Murilo Mendes, bem como prefaciá-lo e o texto de abertura da exposição.



Fig. 1: Fachada do MAMM. Fonte: foto do autor

de nossos representantes e influenciadores culturais. Mas vi que foi ele um poeta de alto valor, cujas palavras elencadas e concatenações nos versos conseguem se equiparar a outros escritores como Fernando Pessoa, Mário de Andrade, Edgar Allan Poe, William Blake dentre outros. E eu, apesar de ter lido muitos livros na juventude, feito mestrado e doutorado não o conhecia. Mas reitero o que discorri no começo: falta uma ampliação em nossas escolas trazendo aos jovens mais da cultura nacional, que tem valor de igual aos estrangeiros e outros que tais, os quais sempre aparecem nos estudos e nas mídias de arte. O então curador do MAMM, Thiago Berzoini contactou-me justamente pelo meu trabalho acerca da valorização da 9ª Arte, que igualmente já foi desconhecida anteriormente em suas autorias pela cultura geral brasileira (e ainda o é um tanto, inclusive devido aos preconceitos residuais que advêm desde o ensino em seus idos), e isso se mostrou promissor, pois fez-me repensar não

só essa questão, como o parco reconhecimento de nossas estruturas culturais brasileiras, que as escolas teimam em obliterar mostrando apenas alguns nomes de autores em áreas diversas no Brasil, além de empurrar a maior parte que vem de terras estrangeiras (valerosos, todos, claro, mas não sendo únicos exclusivamente).

É então que, assim como faltava à difusão do valor real das Histórias em Quadrinhos em anos pretéritos, tendo sido sanada pela valorização na atualidade advinda de fatos que foram paulatinamente sendo explanados devido ao empenho de pesquisadores das HQs desde os anos de 1970, e que agora são muito mais reconhecidas e até utilizadas no ensino - embora ainda carentes de um maior abalçamento dos professores, pois que, apesar do reconhecimento, ainda não conhecem verdadeiramente o potencial imagético das HQs (também chamadas de 9ª Arte), e o impacto que os desenhos autorais aliados ao texto causam na mente - que vejo a importância da exposição montada, comemorando os 10 anos do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), e sua maior visibilidade para o Brasil como um todo (museu e homenageado), flertando (e elencando) as HQs como parte relevante nas artes¹¹, já que resgatam a obra desse poeta mineiro e aliam-na às imagens desenhadas dos quadrinhos realizados por convidados austeros e autores criativos: pois, pelo que estudei e segundo minha tese (Andraus, 2006), venho notando cada vez mais que as HQs não só ajudam na memorização das mentes dos que as leem, apreendendo conteúdos interdisciplinares e de conhecimentos gerais, mas também fazem com que mergulhem em

11. Em dois artigos meus anteriores, que integram este livro, enfatizei a importância das HQs para a as artes sem preconceitos das próprias artes e que utilizam de elementos das HQs nas obras (como visto na 26ª Bienal de Artes de São Paulo) e o valor dado a um autor de HQs italiano, Hugo Pratt, cuja exposição foi montada na Pinacothèque de Paris.

universos criativos, impulsionados pelos desenhos cujos estilos se distinguem pelas páginas diagramadas de maneira elíptica como o são os filmes e também as poesias (mais ainda, as de Murilo Mendes) numa conjunção deveras singular, em que as artes da literatura poética dão as mãos às artes dos quadrinhos. E é nesses últimos, em cujos espaços se “escondem” os desenhos não feitos, mas imaginados, e que dão à mente a continuidade necessária e gestáltica para que os leitores das imagens escritas “viajem”, não só interpretando, mas reinterpretando, recriando e completando o que está sendo visto/lido devido à riqueza estética dos traços estilizados dos desenhos nas HQs, que se pode usufruir de maneira renovada em sua temática a rica estrutura imagética das poesias de Murilo Mendes, cujas estrofes se mostram igualmente elípticas formando um casamento perfeito entre a arte dos quadrinhos e a arte da literatura poética.

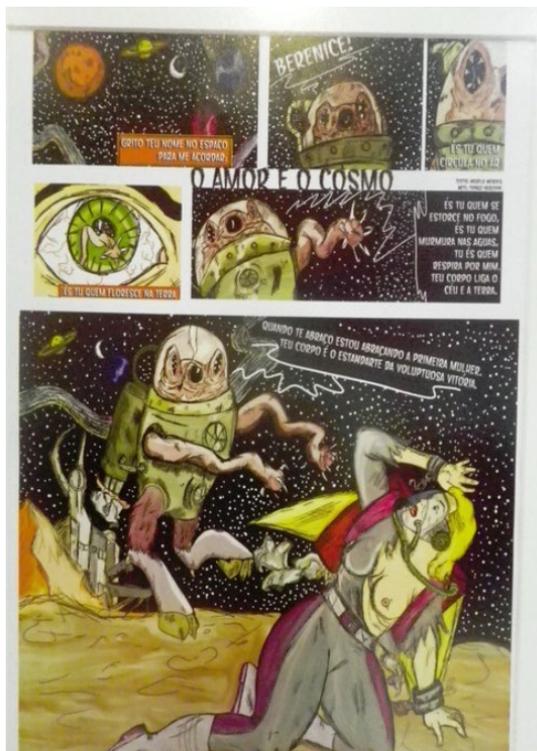
Para se comprovar a visualidade dos escritos desse grande poeta, exemplifico a seguir um trecho de “O Homem Visível” de Murilo Mendes¹² (que pôde ser lido completo na versão quadrinizada e que se encontrava na exposição – fig. 2):

Os fantasmas renascem estátuas de metal e pedra.
Eu sou meu companheiro no deserto,
Trago o capuz de grande Inquisidor
(...)
Do alto parapeito incandescente
Vomitarei o mundo posterior ao pecado.
(...)
Dita a palavra essencial
Amanhecerei árvore.

12. Tal poema foi-me enviado por Berzoini, via email, para que pudesse transportar para os quadrinhos.



Fig. 2: HQ “O Homem Visível” adaptada por G. Andraus. Fonte: foto do autor



O próprio Berzoini participa da exposição com uma HQ sua de uma página ilustrando trecho do poema de Murilo Mendes, e homenageando as HQs de FC (ficção científica) e terror da década de 1960 (fig. 3).

De toda maneira, percebi nas poesias de Murilo grande lacuna de sua difusão à população brasileira em geral, que, ao que suspeito, foi sendo acom-

Fig. 3: Adaptação de T. Berzoini. Fonte: foto do autor

tida duma cegueira cultural, pois que vem preferindo manter no rol de sua listagem um entretenimento de aspectos menos sutis e mais voláteis, subvalorizando aspectos importantes e ricos como os escritos vivazes e reflexivos desse escritor versátil. Por isso, tal exposição é tão importante. Thiago Berzoini, curador dela, explica qual a ideia da mostra Transmuriliana (seu pontapé inicial)¹³:

A idéia foi trazer uma nova linguagem e abordagem para a poesia Muriliana, aliar o poeta à arte seqüencial, de forma que ainda não tivesse sido explorada e dessa forma trazer um novo público para dialogar com o MAMM. Foi pensada como a primeira exposição inaugurando as comemorações de 10 anos do MAMM.

Creio assim, que há três recompensas culturais que enlevam a exposição:

1 - o conhecimento e assimilação dos poemas surreais, religiosos, modernistas e líricos de Murilo Mendes (pois como asseverei, necessita-se ampliar o leque como um todo ao Brasil, de sua riqueza intelectual, pouco explorada, como infelizmente acontecia anteriormente com os quadrinhos), e

2 - a ampliação criativa dada pelas versões em quadrinhos das obras do poeta, aumentando a fruição de todos, e até instigando a que não somente leiam as obras estritamente literárias de Mendes, mas que avancem pelas HQs autorais e estas releituras, desbravando na linguagem imagética outros caminhos para os escritos do poeta, e

3 - Isto pode, inclusive, insuflar a vontade nos visitantes de explorarem mais ainda não só os escritos de Murilo Mendes, mas de outros

13. Entrevista elaborada por mim, enviada a Thiago Berzoini e respondida dia 29/05/2015, via arquivo em anexo pela Internet (email e/ou facebook).

escritores brasileiros ainda pouco conhecidos, bem como fomentar uma busca por mais HQs desses autores, bem como de outros, possibilitando até um reavivar da pulsão criativa dos espectadores (já que a *poiesis* – principalmente a imagética que incita a mente na criação mais do que na razão – e esta última já é bastante endossada nesse nosso sistema exageradamente cartesiano-educacional, sobrepujando e adormecendo a sua contraparte cerebral criativa).

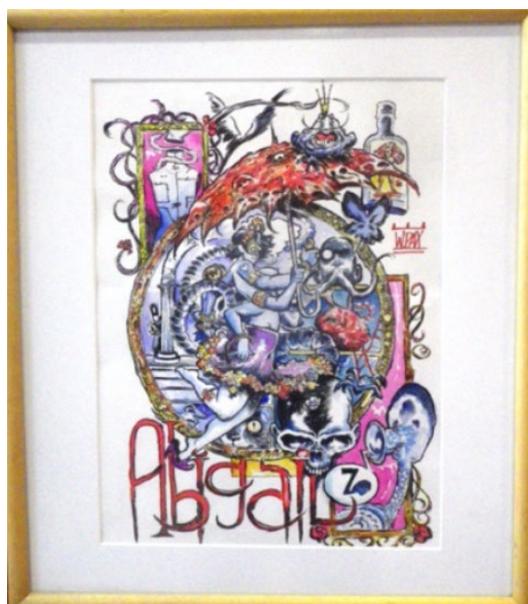
A Exposição estruturada

Um museu tem intencionalidades que devem ser repensadas. Ramos (2010) reflete que

A exposição deve ser pensada de modo a permitir que os visitantes possam entender algumas das problemáticas elencadas sem o auxílio obrigatório de monitores. A educação museal passa necessariamente pela capacidade progressiva de instrumentalizar o público para a decifração dos códigos propostos; do contrário, o monitor vira acessório permanente e corre-se o risco de pleitear mediações indispensáveis. Assim como a conquista da leitura de um texto se faz ao dispensar a figura alheia que leria para nós, a exposição também mostra sua eficiência ao criar formas de comunicação e dispositivos de reflexão sem tutela.

Já Arslan (2008, p. 146-147) aborda que “a concepção do estético na contemporaneidade, segundo a ideologia dominante (...) prefere discutir a arte a partir da própria história e não a partir das práticas artísticas, esquecendo a tensão necessária (entre experiência e pensamento) para a reflexão cultural”, e essa exposição do MAMM traz de volta tal tensão necessária que a pesquisadora delibera ao criar um espaço de confronto entre a poesia e os quadrinhos numa

visão diferenciada (já que transpostos livre e criativamente a partir dos poemas de Mendes) buscando uma nova maneira do público de explorar as poesias através dos quadrinhos (e vice-versa). Como exemplos temos as figs. 4 e 5 da exposição, em que os autores adaptaram poemas sem a utilização dos escritos (que aparecem fixadas nas legendas abaixo de cada quadro na própria exposição). Na mesma tese de doutorado, Arslan (2008) se baseia em vários autores como Bourdieu, Canclini, Hernández e mesmo Shusterman, para desmascarar um preconceito que foi crescendo em volta ao fazer artístico, à concepção de arte em que desfilam momentos teóricos explicitando facetas contra uma relação distanciada com a arte: arte como expressão (ou manifestação dos sentimentos), arte como técnica (ou como fazer) e arte como conhecimento: todas possibilidades no rol artístico, sem que apenas uma das modalidades seja considerada



Figs. 4 e 5: HQs “Amantes” e “Abigail”, respectivamente adaptadas por Mário Cau e Walter Pax. Fonte: foto do autor

como arte principal. O curador Thiago Berzoini, ao elencar nesta exposição quadrinhos, traz um pouco do que Arslan defende. Inclusive porque, segundo ponderações de Shusterman (1998), posso pressupor que quaisquer expressões humanas possuem uma estética, e não exclusivamente as que foram elencadas e escolhidas pelas ditas Belas-Artes; logo, as HQs prontamente e junto das poesias estão no lugar a que lhes é devido: o museu, também.



Fig. 6: abertura da exposição dentro do MAMM. Fonte: foto do autor

Na abertura da exposição (fig. 6), temos um texto escrito por mim, que expõe a importância de se difundir tanto a poesia de Mendes como as HQs num local pertinente como esse museu. Como disse, várias das HQs não possuem textos e, portanto, trabalham com a imaginação do leitor/espectador. A cada quadrinho de cada autor que foi convidado de várias regiões do Brasil, a transposição traz

numa legenda a poesia (ou trecho original dela) que foi quadrinhizada. Além disso, há um computador com as poesias de Murilo Mendes recitadas por vozes de atores que podem ser ouvidas com fone de ouvido, num canto da sala de exposição tornando-a multimidiática (fig. 7). Além da exposição, o evento contou com uma palestra (fig. 8) de minha autoria e uma oficina trazendo a poética das HQs autorais e dos zines artísticos, reforçando a importância da nona arte para um museu. A plateia consistia em maior número de universitários da área de Artes, Letras e Comunicações, incluindo alguns professores, como por exemplo, da área de Arquitetura, sendo a maior parte do público da UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora.

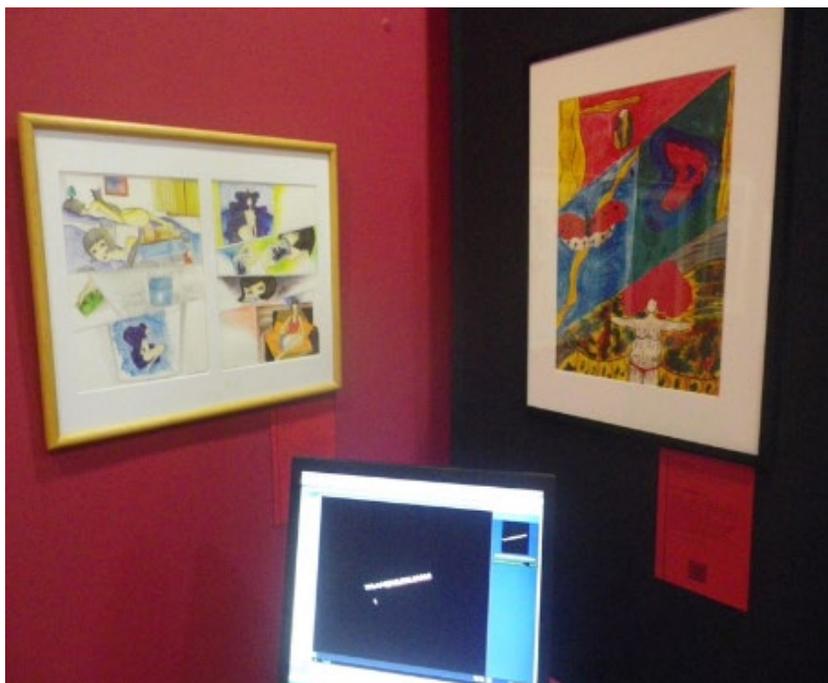


Fig. 7: computador multimídia para audição das poesias.
Fonte: foto do autor



Fig. 8: palestra antes da oficina, de Gazy Andraus. Foto: T. Berzoini

Considerações parciais

Ampliei meus conhecimentos acerca da cultura poética e do autor poético mineiro ao pesquisar mais sobre sua obra e vida, ressaltando que o convite fez-me fruir com a leitura de Murilo Mendes e seus escritos (tal como “O Homem Visível” ou “Metade Pássaro”, bem como outras poesias que descobri pesquisando-o), crendo que o registro desses 10 anos do museu possa ter espraído tal riqueza literário-imagética muito além da cidade de Juiz de Fora e região, pois ao trazer a essa exposição “Transmuriliana: uma antologia em quadrinhos” os escritos de Murilo Mendes na forma de quadrinhos permitiram uma nova apreciação e abordagem de suas obras, ampliando as leituras e os (re)conhecimentos.

Esperei desse evento que todos que dele participaram direta e indiretamente, principalmente o público, pudessem, pouco a pouco, ampliar os saberes neste país, compartilhando cada vez mais a própria produção cultural brasileira¹⁴. E que se espalhasse às escolas e instituições educativo-culturais, não limitando o rol dos autores utilizados na área de educação, tendo outros de igual relevância como Murilo Mendes, mas que são mal aproveitados, tornando-os conhecidos, reavivados e valorizados não apenas no âmbito regional, mas nacional, sanando a lacuna do pouco reconhecimento de nossos pares que promovem em silêncio a cultura das artes, reconhecidamente necessária a uma mente salutar, como sói acontecer, para um país menos desconhecido para o seu próprio povo, e que tal endemia passe a ser culturalmente “epidêmica”. Afinal, conforme Vergueiro (set. 2007) asseverou, outros locais têm auxiliado nesta manutenção à valorização aos quadrinhos, como “as gibitecas brasileiras, bibliotecas com acervo especializado em histórias em quadrinhos, que proporcionam locais privilegiados para acesso e leitura de todos os tipos de publicações a todos os tipos de públicos”, o que pode facilitar a que um maior número de obras autorais possa ser acessada cada vez mais, tanto pelo público escolar como o geral.

Ao mesmo tempo, verifiquei e constatei mais uma vez a importância que têm as histórias em quadrinhos, já que puderam ser inseridas num museu brasileiro, e não como meros coadjuvantes, mas como interpretantes das poesias de um autor brasileiro (pouco difundido em nossas escolas, como o eram as HQs).

14. E esse foi um dos objetivos de ter-me feito escrever tal artigo para apreciação, bem como manter a valorização da arte dos quadrinhos.

Considerações Quadrifinais

Após os três textos e suas respectivas conclusões parciais, sintetizo afinal o conteúdo temático, ao reiterar que cada um deles (e então, em conjunto) traduz os quadrinhos autorais e sua importância num âmbito completo que remete às artes: é assim que as histórias em quadrinhos foram se desenvolvendo até alcançarem o estatuto como uma arte (independente do julgamento preconceituoso e indireto que era trazido inconscientemente pelas ditas Belas-Artes). Mas esta “evolução” não se deu conscientemente, e nem de uma vez, menos ainda por todos os quadrinhos. Alguns, como “The Spirit” de Will Eisner, traziam o prenúncio de HQs mais poéticas e artísticas que eclodiriam de maneira contumaz a partir de “Um Contrato com Deus” e “New York – a Grande Cidade”, do mesmo Eisner. Ou antes ainda as HQs de temas “místicos” de Moebius, e ainda as enigmáticas e filosóficas obras em quadrinhos como as de Druillet e Caza, bem como as viajantes em preto e branco de estilo único de Hugo Pratt, e igualmente depois as artes das HQs poéticas nacionais¹⁵ de Danilo Beiy Ruth, Edgar Franco, Antônio Amaral, Laudo, dentre outros, que num todo, foram tecendo uma teia quadrinhístico-autoral que só foi sendo esmiuçada graças aos pesquisadores, como dito (muitos deles sendo também autores de quadrinhos).

15. Muitas delas publicadas em fanzines, pois nos anos 80 e 90 era difícilíssimo o quadrinhista nacional - amador ou profissional - ter editoras dispostas a editarem seus trabalhos. Assim, a manutenção das HQs nacionais se deu muito graças ao fanzinato, cuja área possibilitou várias experiências, dentre as quais as dos quadrinhos artísticos poéticos.

Tal teia espalhou-se no orbe, como uma arte única, especialmente bela e que pode também estar além do papel, em locais e espaços de apreciação (como visto nos textos que compõem este livro), já que, embora relegadas anterior e erroneamente, as histórias em quadri-nhos pairaram erráticas, espalhando-se até serem (re)encontradas, levitando como artes numa linguagem única, mas diversamente rica, complexa e tecida neste enredamento, cuja indissociabilidade à arte se mostrou inevitavelmente inexorável!

Referências

ANDRAUS, Gazy. “A influência das histórias em quadrinhos em obras artísticas: o caso da 26ª Bienal de Artes de São Paulo”. *1as. Jornadas de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 23 a 26/08/2011.

ANDRAUS, Gazy. *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. Tese de doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2006.

ANDRAUS, Gazy. “Le voyage imaginaire d’Hugo Pratt na Pinacothèque de Paris – o tatus das HQs como arte e autoralidade.” *2as. Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: ECA-Universidade de São Paulo, 20 a 23/08/2013.

ANDRAUS, Gazy. *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. Tese de doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2006. Disponível em <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/pt-br.php>>

ANDRAUS, Gazy. A influência das histórias em quadrinhos nas artes. Revista *Top! Top!* João Pessoa: Marca de Fantasia. N. 18, junho de 2005, p. 3-11. ISSN: 1415-8558.

ARSLAN, Luciana Mourão. *Amadores da Arte: Práticas artísticas em cursos livres de pintura da cidade de São Paulo*. Tese de doutorado. São Paulo: Faculdade de Educação-USP, 2008.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In *Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASEY, Todd. O Homem misterioso. *Wizard Brasil*. Ano 2, n. 13. outubro de 2004, p. 12-18.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. Coleção Primeiros Passos nº 46, 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

COSTA, Maria Cristina Castilho Cristina. *Ficção, Comunicação e mídias*. São Paulo: Senac, 2002.

COSTA, Danielle. Le Voyage imaginaire d’Hugo Pratt: ou de como há esperança para brasileiros que gostam de quadrinhos. *Quadro a Quadro – Indo aonde a Nona Arte estiver!* 14/06/2011. <http://quadro-a-quadro.blog.br/?p=7842> <Acesso em 30/01/1967.>

ECO, Umberto. Corto Maltese ou a Geografia imperfeita. In PRATT, Hugo. *Corto Maltese: A balada do Mar salgado*. Lisboa: Meribérica/Líber: 1998.

DE GREGORI, WALDEMAR. *Os poderes dos seus três cérebros*. São Paulo: Pancast, 1999.

GRASSI, Ernesto. *Poder da imagem, impotência da palavra racional: em defesa da retórica*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GROENSTEEN, Thierry. *História em Quadrinhos: essa desconhecida arte popular*. Col. Quiosque 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

HOUAISS, Antonio. *Arte e Indústria*. Rio de Janeiro: Libris Editora, 1992.

LE VOYAGE Imaginaire d’ Hugo Pratt. Beaux Arts éditions/TTM Éditions. Pinacothèque de Paris. s/data.

PETITFAUX, Dominique ; LAGRANGE, Bruno ; PRATT, Hugo. *O desejo de ser inútil: memórias e reflexões*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, nov. 2005.

PINACOTHÈQUE DE PARIS. <http://www.pinacothèque.com/?id=711> <acesso em 02/03/2012>

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*. <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/>

eixo4/estudos_sociais/a_danacao_do_objeto.pdf. UFRGS, 04/03/2010.
<Acesso em 10/06/2013>

RICHERME, Claudio: *Afinal, o que é Arte?* São João da Boa Vista: Air Musical Editora, 2007.

ROHDEN, Huberto. *Filosofia da arte*. São Paulo: Alvorada, 1985.

SAENGER, PAUL. A separação entre palavras e a fisiologia da leitura. In David R. OLSON e Nancy TORRANCE. *Cultura Escrita e Oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: editora 34, 1998.

TISSERON, Serge. *La Bande Dessinee au pied du mot*. France: Aubier, 1990.

VERGUEIRO, Waldomiro. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público). *História, imagem e narrativas*. Nº. 5, ano 3, setembro/2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/9240544/A_atualidade_das_hist%C3%B3rias_em_quadrinhos_no_Brasil_a_busca_de_um_novo_p%C3%BAblico> Acesso em 10/08/2018.



Gazy Andraus é autor de HQs e fanzines fantástico-filosóficos. Atualmente é Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – PPGACV da Faculdade de Artes Visuais – FAV (UFG) e Bolsista PNPd – CAPES; foi professor designado do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade de Campanha/MG. É pesquisador dos Grupos de Pesquisa Observatório de HQ (USP); Interculturalidade e Poéticas da Fronteira (UFU); Criação e Ciberarte (UFG) e ANZINE - Associação Nacional dos Pesquisadores de Fanzines. Tem doutorado em Ciências da Comunicação pela USP e mestrado em Artes Visuais pela UNESP. Sua tese “As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário” (USP, 2006) ganhou o prêmio como melhor tese de 2006 pelo HQMIX em 2007. É também autor e pesquisador de fanzines e HQs de temática fantástico-

filosófica, com participações em livros teóricos e com publicações de suas HQs, organizando eventos e apresentando artigos em congressos nacionais e internacionais.

E-mail: yzagandraus@gmail.com , gazyandraus@ufg.br

Sites e blogs:

<http://tesegazy.blogspot.com/>

<https://yzagandraus.wixsite.com/gazy/home>

<http://classichqs.blogspot.com/>

<http://conscienciasocietades.blogspot.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/gazy.andraus>

Instagram: <https://www.instagram.com/gazyandraus/> e

Twitter: GazyAndraus (@AndrausGazy): <https://twitter.com/AndrausGazy>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0256950026952623>



Gazy Andraus

O ESTATUTO DAS BELAS-ARTES NOS QUADRINHOS



Gazy Andraus se destaca no cenário das artes gráficas com uma obra extraordinária ligada à expressão dos quadrinhos poético-filosóficos; seu traço espontâneo e visceral faz contraponto a um texto lírico que penetra a inquietude da alma.

Este livro vem mostrar que ele se esmera também na pesquisa acadêmica. Os três artigos apresentados demonstram, com coerência e perspicácia, num empenho quase militante, que as Histórias em Quadrinhos, há muito relegadas como entretenimento descartável, merecem ocupar um espaço de relevo entre as ditas Belas-Artes.

Henrique Magalhães